

A close-up portrait of Michel Blois, a man with dark hair and a full grey beard, wearing a black ruffled collar. The background is dark and moody.

Yellow.
Special
Interview

Michel Blois

Arte • Cinema • Cultura • Música

carta^{do} editor

Michel Blois passou a infância na mesma rua onde eu morei durante a faculdade.

Eu descobri isso quando estávamos começando a entrevista. Tinha comentado que sabia que ele era do Rio Grande do Sul, e ele perguntou se eu também era. Quando contei que havia morado na Praia do Cassino durante a FURG, chegamos à rua Maria Araújo. Ele viveu ali na infância. Eu morei anos depois, durante a faculdade.

A conversa ficou por alguns minutos nesse lugar, entre a casa onde ele viveu, os meses passados entre a cidade e o Cassino e aquele frio úmido que fica na memória de quem conhece a praia.

O ator contou que o Cassino foi uma das épocas mais felizes de sua vida, ligada à saída de casa e às primeiras descobertas. A lembrança daquele período apareceu com carinho, como uma parte importante de sua história que permanece presente mesmo depois de tantos anos longe dali.

A entrevista começou assim, por uma rua que nós dois conhecemos em momentos diferentes. Depois, seguimos para outros assuntos, outras lembranças e outras partes de sua trajetória.

Para fechar setembro, fica essa conversa.

Boa leitura!

Carlos Mossmann
EDITOR CHEFE
Yellow Magazine

YELLOWMAGAZINE

para almas sensíveis e mentes inquietas

MICHEL

Uma conversa sobre o que acontece quando escolher deixa de ser uma possibilidade e passa a ser uma forma de conduzir a própria vida.

texto por **CARLOS MOSSMANN**

fotografia por **MARILHA GALLA** estilo por **LUIZA MOURA** beleza por **JÔ OLIVEIRA**
agenciamento por **MERAT ag.**

Michel não separa com facilidade o ator do homem que existe fora do trabalho. Gaúcho, homem gay e morador do Rio de Janeiro há mais de duas décadas, ele construiu a própria trajetória entre o teatro, o deslocamento e a descoberta de outras possibilidades para a vida. Quando perguntado sobre quem é quando não está trabalhando, responde sem fazer muita distinção entre personagem e pessoa: “É muito difícil pensar em separar o artista do meu CPF.”

Aos 20 anos, deixou o Rio Grande do Sul para fazer teatro no Rio de Janeiro. Antes disso, já havia recebido dos pais o incentivo para sair da cidade e conhecer outras realidades. Os três filhos foram criados com essa ideia: experimentar o mundo e, se quisessem, voltar.

A escola foi uma experiência bem diferente. Durante boa parte da infância e da adolescência, estudou em um colégio de padres, que descreve como rígido e conservador. Como menino gay, conviveu

com chacotas, agressões e pouco espaço para falar sobre o que vivia. O relato encontra eco em uma realidade que ainda atinge estudantes LGBTQIAPN+: uma pesquisa nacional realizada em 2024 apontou que 90% dos entrevistados desse grupo haviam sofrido algum tipo de agressão verbal naquele ano, enquanto 34% relataram agressão física.

Para o ator, a mudança para uma escola de freiras alterou completamente aquele cenário. “Minha cabeça abriu completamente.” Ali encontrou aulas de teatro, um auditório, peças, professores mais dispostos à conversa e uma rotina menos rígida. Foi nesse ambiente que o estudo e a arte passaram a ocupar outro lugar em sua vida. “Realmente abriu um mundo de estudo, de arte.”

O Rio Grande do Sul continua muito presente em sua memória. Entre as lembranças mais fortes está o período vivido no Cassino, que considera uma das épocas mais felizes de sua vida, associada à saída de casa e às primeiras descobertas da vida adulta. A saudade permanece.





Quando chegou ao Rio, estava descobrindo muitas coisas ao mesmo tempo. O teatro, a cidade e a experiência de viver como homem gay em outro lugar. No início da formação, chegou a criar uma persona para ocupar aquele espaço. *“Era essa persona que performava aqui. E aos poucos eu fui encontrando de volta esse caminho.”*

Hoje, uma das pessoas que mais despertam sua curiosidade é **Hilton Cobra**, colega de elenco na novela. Os dois passam boa parte do tempo no camarim conversando sobre teatro, arte e referências. *“O meu jornal diário tem sido o Hilton Cobra.”*

Aos poucos, a forma de escolher os trabalhos também mudou. Quando começou, queria conhecer pessoas, acompanhar companhias e estar perto do movimento teatral. Hoje, procura textos, grupos e pessoas com os quais realmente queira trabalhar. *“Ao invés de eu querer consumir tudo, eu passei a ter a minha escolha. De falar: não, eu quero estar aqui. Daí eu corro atrás do que eu quero.”*

A escolha também passou a orientar amizades e relações. *“Essa chavinha da escolha faz uma diferença enorme.”*

Em **A Nobreza do Amor**, essa postura encontra um personagem bastante distante de seus próprios valores. **Mr. Campbell** é, para Michel, um vilão que não deve ser suavizado.

**“O MR. CAMPBELL
É UM VILÃO. E EU
NÃO GOSTARIA
DE FUGIR DA
VILANIA.”**







O personagem representa o branco colonizador, explorador e agressivo. O desafio, para o ator, está em compreender a lógica de alguém assim sem transformar essa compreensão em justificativa. Campbell não oprime todas as pessoas da mesma maneira. Quem lhe interessa recebe atenção e cordialidade. Quem ocupa uma posição de dependência pode ser tratado como inferior. *“O que eu tento com o Mr. Campbell é entender quem é que ele dá valor e quem ele oprime.”*

A principal referência para essa construção veio de figuras contemporâneas ligadas ao poder. Michel cita Donald Trump e pensa em comportamentos como expansão, agressividade, exploração do trabalho e transferência de responsabilidade para terceiros. Dentro da novela, Campbell é o único personagem branco naquele contexto africano, e o ator entende que a branquitude e o poder colonial estão concentrados nele.

Entre os trabalhos mais recentes está **90 Decibéis**, que chega hoje à **Globo** pela *Tela Quente*. Dirigido por **Fellipe Barbosa** e escrito por **Julia Spadaccini**, o longa acompanha Ana, uma advogada interpretada por **Benedita Casé Zerbini**, que descobre que sua perda auditiva irá progredir até a surdez profunda. Michel interpreta um médico na história.

Outros personagens permaneceram por razões diferentes. Lily Gay, de **O Médico Monstro**, ficou na memória pelo humor e por uma experiência mais próxima do universo drag. Leopoldo, de **Além da Ilusão**, demorou mais a ser deixado para trás.

O personagem tinha uma carreira bem-sucedida, mas uma vida pessoal marcada pela opressão de sua sexualidade. Michel faz questão de separar as duas histórias: não viveu a mesma situação, mas reconheceu naquele sofrimento uma dinâmica que conhecia.

A identificação passou também pelo deslocamento. Ele havia deixado o Rio Grande do Sul para fazer teatro e viver sua

sexualidade. Ao falar sobre Leopoldo, relaciona essa experiência à de tantas pessoas gays que precisam deixar seus lugares de origem para reconstruir a própria vida.

Quando recebe um personagem, a investigação começa pelo que está escrito. *“Eu sou muito textocêntrico. Eu amo texto.”*

A pontuação, a construção das frases, as reticências, as palavras escolhidas e a forma como um personagem se refere aos outros fazem parte desse trabalho. Antes de procurar respostas fora da dramaturgia, ele procura esgotar o que o autor colocou na página. *“Fico tentando achar essa psique do autor.”*

Uma palavra pode alterar uma relação. Uma vírgula pode sugerir uma cadência. A escolha de uma expressão pode indicar como determinada cena foi imaginada. *“Amo esse trabalho de tentar a vida que há dentro da palavra.”*

Essa disposição para fazer também está na origem de sua trajetória. Ao chegar ao Rio, a primeira peça que realizou foi escrita, dirigida, produzida e interpretada por ele. Sem uma estrutura pronta, assumiu as funções necessárias para colocar o projeto em pé.

A prática vinha da escola. Nas aulas de inglês com teatro, escrevia e fazia adaptações com uma amiga chamada Anelise. Entre as brincadeiras estavam versões de *O Rei do Gado*, do *Jornal Nacional* e ideias que podiam virar um curta-metragem de uma hora para outra. *“Sou da ação.”*

Na produção teatral, essa postura aparecia até nas planilhas. Os valores ficavam abertos para quem quisesse consultar. *“Não quero nada que não é meu.”*

Para ele, fazer arte envolve trabalho, responsabilidade e disposição para colocar a mão na massa. *“Sou operário da arte.”* É justamente por isso que a relação com as redes sociais lhe causa desconforto. O ator não se incomoda com influenciadores ocupando espaços na atuação. O que rejeita é a expectativa de que ele também precise assumir essa função para continuar trabalhando. *“Eu sou ator, mas eu não sou influencer.”*







Não tem interesse em acompanhar tendências, produzir dancinhas ou transformar a rotina pessoal em conteúdo. Quando o assunto é sua profissão, a disponibilidade é outra: bastidores, fotografias, pensamentos sobre um trabalho, divulgação de uma produção. A vida privada fica de fora. *“Eu gostaria que o mundo não me exigisse essa condição, porque essa condição é um trabalho também.”*

Michel administra as próprias redes e responde diretamente a quem comenta ou manda mensagens. Não pretende transformar seu perfil em espetáculo nem contratar uma estrutura para fabricar uma presença permanente na internet.

A crítica se estende ao modo como as discussões acontecem nas redes. Ele reconhece que hoje existe mais liberdade para as pessoas expressarem suas opiniões, mas se incomoda com a repetição e a falta de aprofundamento. *“Raramente você vê uma boa discussão na internet.”* O que o cansa é encontrar dezenas de pessoas reproduzindo a mesma informação sem acrescentar outra camada à conversa.

Quando fala sobre quem está começando na profissão, o conselho também passa longe do glamour. *“A maioria das pessoas vão estar o tempo todo brigando pra existir.”* Estudar é essencial, mas ele também fala da instabilidade, dos projetos que não saem do papel, dos editais, das instituições e dos períodos sem trabalho. Para atravessar esses momentos, recomenda terapia, bons amigos e grupos de convivência. *“Forme grupos.”* Não necessariamente para produzir. Para conversar, trocar experiências e descobrir que determinadas dificuldades não são exclusivas de quem está passando por elas.

Fora da carreira, há dois desejos que aparecem com clareza. Um deles é ter um sítio, com mato, água, espaço para plantar e mexer na terra. Michel sabe que é uma pessoa urbana e não imagina abandonar completamente a cidade. Quer um lugar que seja seu, onde possa se afastar por algum tempo. O outro é ter um filho. *“É poder botar alguém num mundo que seja muito melhor do que eu.”*

Quando precisa escolher uma palavra para falar de si depois de tantos anos sendo visto através dos personagens, escolhe justiça. Para ele, esse senso de justiça está ligado à intensidade com que se posiciona e à disposição para assumir as consequências do que diz. Reconhece que pode errar e voltar atrás. *“Eu me posiciono e eu seguro a onda. Eu sei por que eu me posicionei.”* E completa:

***“É ÓBVIO QUE EU NÃO
TÔ CERTO SEMPRE.
MAS EU SEI VOLTAR
ATRÁS TAMBÉM. EU SEI
PEDIR DESCULPAS.”***

Ao longo da conversa, o ator fala de personagens, escolhas, trabalho, exposição e dos caminhos que encontrou para construir uma vida possível dentro e fora da profissão. Há uma recusa constante em transformar qualquer uma dessas experiências em pose ou narrativa pronta. Por isso o vídeo se torna, para ele, o formato mais fiel para essa conversa: diante da câmera, sobra menos espaço para organizar demais a própria história. *“Eu não tenho como romanciar a minha verdade.”*





Quer criar projetos especiais conosco? Estamos sempre abertos a novas ideias, parcerias criativas, branded content e oportunidades de publicidade. Seja para desenvolver conteúdos exclusivos, colaborar em pautas inovadoras ou criar campanhas que conectem marcas e leitores, estamos prontos para ouvir você.

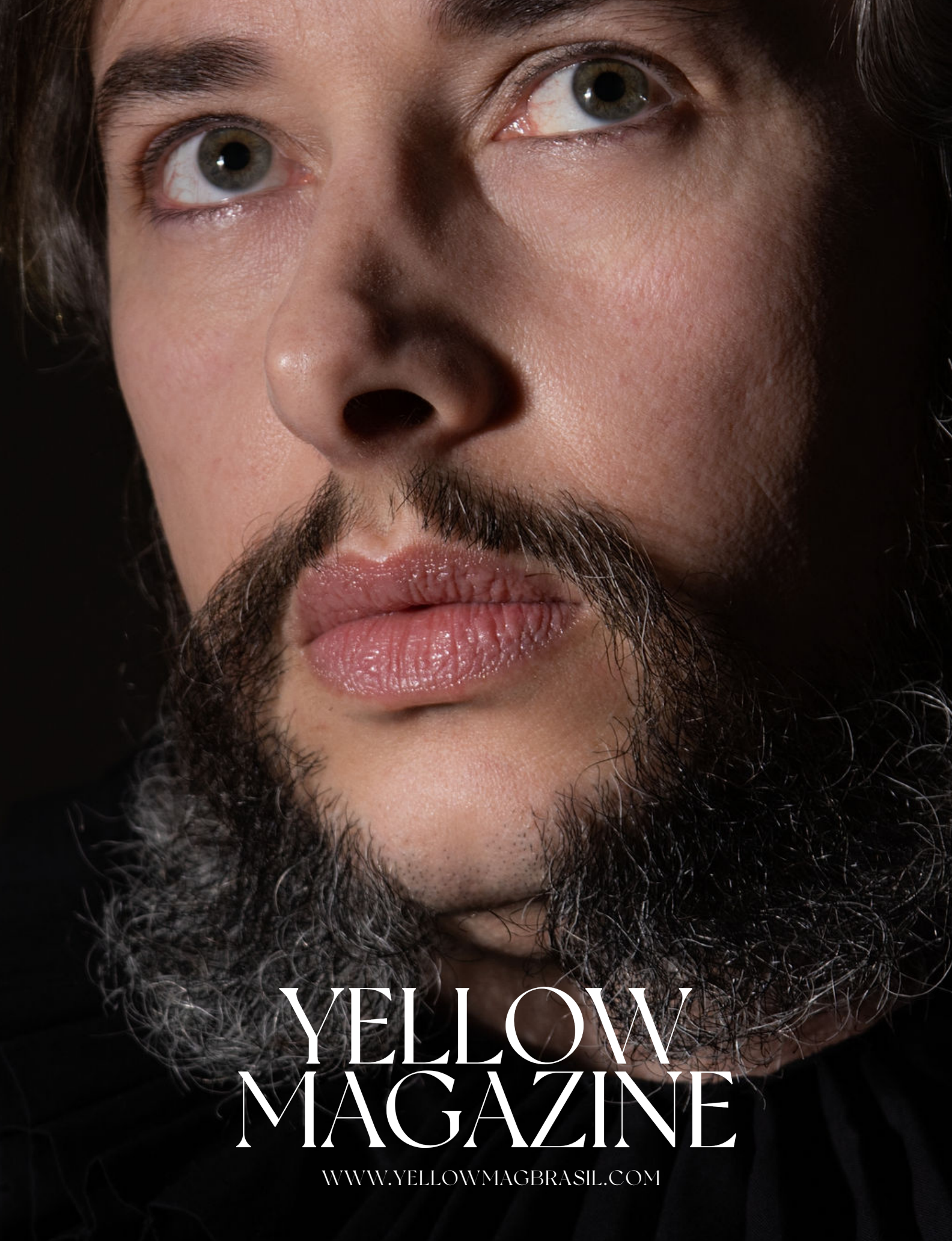
Entre em contato e vamos conversar:

Para Pautas: *contact@yellowmagbrasil.com*

Para Publicidade: *yellowmag@vaideonda.com.br*
www.yellowmagbrasil.com

ESCANEE O QR CODE PARA NOS
ACOMPANHAR NO INSTAGRAM.



A close-up, high-contrast portrait of a man with a full, dark beard and mustache. He has light-colored eyes and is looking directly at the camera with a serious expression. The lighting is dramatic, with strong shadows on the right side of his face. The background is dark and out of focus.

YELLOW MAGAZINE

WWW.YELLOWMAGBRASIL.COM